

O horror na sala de aula

VIOLÊNCIA

Ataque sem chance de defesa

Professora foi assassinada quando fazia a chamada dos alunos



Na manhã de ontem, um aluno de 13 anos, do 8º ano fundamental, invadiu a sala de aula vestido com roupa preta, boné e uma máscara que cobria o rosto.



Na sequência, ele desferiu cinco facadas na professora Elizabeth Tenreiro, de 71 anos. A morte da docente foi confirmada por volta das 10h30. Ela teve uma parada cardíaca ao ser levada ao hospital da Universidade de São Paulo (USP).



Depois de cometer o crime, o adolescente é flagrado pelas câmeras de segurança desferindo vários golpes de faca em Ana Célia Rosa, professora de História. Ela cai no chão e continua sendo atacada.



As professoras Cíntia da Silva Barbosa e Sândra Pereira conseguem conter o rapaz e desarmá-lo. Cíntia, que leciona educação física, detém o agressor com um golpe "mata leão".



Jovem ainda feriu, sem gravidade, um aluno. E outros, em estado de choque foram atendidos. Adolescente apresenta comportamento agressivo dentro de casa, pelo menos desde a última semana. O relato é da própria mãe do rapaz, em depoimento à polícia.

Valdo Virga/CE/OA Press

Morta na sala de aula

Professora de 71 anos é esfaqueada por aluno, contido depois que duas docentes conseguiram imobilizá-lo e desarmá-lo

de MARIANA ALBUQUERQUE\*

A professora Elizabeth Tenreiro, de 71 anos, foi assassinada, ontem, a golpes de faca dentro da sala de aula em que lecionava, na Escola Estadual (EE) Thomázia Montoro, no bairro da Vila Sônia, na capital paulista. O assassinato é um estudante de 13 anos, do 8º ano da instituição de ensino, com histórico de agressividade e que segundo a própria mãe relatou em depoimento, vinha apresentando

um comportamento incomum, dentro de casa, nos últimos dias. Outras cinco pessoas foram feridas. O ataque aconteceu ontem cedo, pouco depois do começo da aula. O jovem entrou na escola vestido completamente de preto, com um boné e uma máscara tipo balacava. A motivação supostamente seria o bullying praticado pelos colegas, conforme teria reclamado para os pais. A primeira a ser agredida foi a professora Elizabeth, enquanto fazia a chamada

dos alunos em classe. Toda a agressão é registrada pelas câmeras de segurança. Depois de acertar Elizabeth, o jovem desferiu vários golpes de faca contra a professora de História Ana Célia Rosa, que mesmo caída continua sendo atacada. E quando aparecem outras duas docentes: Cíntia da Silva Barbosa, que leciona educação física, dá um golpe do tipo "mata leão" no agressor, enquanto Sândra Pereira consegue desarmá-lo. A polícia encontrou com o jovem a faca usada nos ataques,

um pedaço de tesoura, um celular, uma arma de arremate e um videogame. Ele foi apreendido e encaminhado à 13ª DP da capital paulista. O estado decretou luto de três dias pela morte de Elizabeth e a escola fechará por sete dias. O secretário estadual de Educação, Renato Feder, confirmou que o agressor era aluno da Thomázia Montoro, pediu transferência e retornou à instituição no início do mês. Semana antes do crime de ontem, EE José

Roberto Pacheco, fez um boletim de ocorrência contra o adolescente, uma vez que apresentava "comportamento suspeito nas redes sociais, postando vídeos comprometedores, como, por exemplo, portando arma de fogo, simulando ataques violentos". Segundo relatos de colegas, o agressor havia brigado, na semana passada, com um jovem da mesma sala depois de chamá-lo de "mascado" — que partiu para cima do autor das facadas. A professora

Elizabeth foi quem interveio para separá-los.

No celular do adolescente que praticou o homicídio, foram encontradas informações de ataques em outras escolas no país, o que indica que planejou o ataque. De acordo com a polícia, ele chegou a avisar em sua conta no Twitter que cometeria o crime. Na postagem, afirma ter esperado "a vida inteira" por esse dia.

\*Estagiária sob a supervisão de Fabio Grecchi



Cíntia (de blusão azul) imobilizou o aluno agressor depois do ataque a Elizabeth, que não resistiu aos ferimentos



Angela Perini

Polícia apura estímulo ao crime

A polícia de São Paulo vai investigar se outras pessoas ajudaram o adolescente de 13 anos a cometer o ataque na Escola Estadual (EE) Thomázia Montoro, na Vila Sônia, na zona oeste da capital paulista. O jovem telefonou que faria e, segundo o secretário de Segurança do estado, Guilherme Derrite, as pessoas que curtiram ou comentaram as mensagens serão investigadas. Questionado sobre monitoramento das redes, o secretário respondeu que a conta do adolescente era privada. Colegas também contaram à polícia que ele teria dito na escola que pretendia cometer o ato de violência. Segundo Derrite, outros ataques em escolas de São José dos Campos, Cacupava e Tupã, todas no interior do estado, foram impedidos este mês pela polícia, que agiu antes dos agressores. Derrite pediu que imprensa e sociedade, pelas redes sociais, não divulguem os vídeos do ataque para que não estimule "adolescentes que estejam imbuídos de vontade de cometer novos atos". Especialistas também recomendam esse tipo de providência e que não se divulgue detalhes do agressor para que ele não seja tratado como exemplo para grupos violentos. Pesquisas internacionais mostram que há até três casos de violência em escolas após um primeiro

Table with 2 columns: Location and Statistics. Title: Principais casos dos últimos 20 anos. Rows include Salvador (BAI), Juazeira (SP), Rio de Janeiro (RJ), São Caetano do Sul (SP), Santa Rita (PE), Goiânia (GO), Medianeira (PR), Suzano (SP), Corral (MG), Sarrobas (BA), Sobral (CE), and Aracruz (ES).

ser divulgado. A Secretaria da Educação do Estado de São Paulo anunciou que já iniciou um processo de contratação de 150 mil horas de psicólogos para atender a rede de ensino de forma presencial durante um ano. Desde a pandemia, os atendimentos psicológicos são feitos remotamente. "Independentemente da trizete de hoje, já estava no cronograma essa contratação, está na cotação de preços e já faremos a licitação", disse o secretário Renato Feder. Desde 2019, uma lei federal diz que as escolas da rede pública do país devem ter serviços de psicologia. Feder afirmou, ainda, que o estado vai ampliar o programa Conviva, em que profissionais

trabalham nas escolas para lidar com conflitos, como brigas, agressão e discriminação. Atualmente, há 500 deles na rede. O secretário disse que todas as 5 mil escolas estaduais terão um educador do Conviva. "É uma rede de proteção importante. Não é de noite para o dia porque temos que treinar esses profissionais, mas vamos ampliar para que a gente consiga estar cada vez mais presentes nas escolas", explicou. O programa foi criado após os atentados na EE Raul Brasil, em 2019, em Suzano, quando 10 pessoas morreram e 11 foram feridas.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Braziliense - Brasília/DF

Seção: Brasil Pagina: 5